

# OS PAPÉIS DE GÊNERO NA OBRA DE CÂMARA CASCUDO (1921-1938)<sup>1</sup>

João Carlos Vieira da Costa Cavalcanti da Rocha<sup>2</sup>

Durval Muniz de Albuquerque Júnior (orientador)<sup>3</sup>

## 1. INTRODUÇÃO

A História, como disciplina, sofreu, nas últimas décadas, modificações teórico-metodológicas importantes. Criticando a forma como era encarado o conhecimento histórico, vários pensadores imaginaram outras formas de percepção do passado, inaugurando novas construções históricas.

Ao criticar o positivismo e aquele passado de grandes nomes, heróis identitários, uma história “mestra da vida”, os historiadores observaram os chamados “excluídos da história” e como a análise destes poderiam ser importantes para compreender o passado. Principalmente a partir da década de 1960 surgiram novos estudos de história, analisando tais aspectos. Um dos clássicos desta historiografia é *O queijo e os Vermes* – publicado em 1976 – de Carlo Guizburg, uma análise sobre a cultura popular da Europa pré-industrial a partir do processo inquisitorial contra o moleiro do friuli *Menocchio*. Também na década de 1960, como nos assegura Joan Scott, a história deu lugar à análise da atuação das mulheres no passado, principalmente por ocasião das reivindicações feministas em criar uma história “que estabelecesse heroínas, prova da atuação das mulheres, e também explicações sobre a opressão e inspiração para a ação”<sup>4</sup>. Àquela época surgiram vários trabalhos de inspiração marxista sobre a ação feminina na sociedade e também de outros excluídos, como os operários.

No entanto, ao formar uma história que se preocupasse com as mulheres e excluídos, esses historiadores esqueceram dos homens, pois a história de gênero raramente tratou do ser masculino. De acordo com Durval Muniz de Albuquerque Júnior, “essa produção historiográfica fez do homem um outro nunca analisado e definido por oposição ao que se definia como mulher”<sup>5</sup>. Neste trabalho, no entanto, pensamos em fazer um estudo que abarque os dois gêneros.

Além destas transformações no pensamento historiográfico, a década de 60 também viveu outra grande renovação. Pensar a História como um discurso disciplinado, analisar os

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Simpósio Temático “História Cultural”, durante o XII Encontro Estadual de História da ANPUH-PB, realizado no Campus da Universidade Federal de Campina Grande, em Cajazeiras (PB), entre 23 e 28 de julho de 2006.

<sup>2</sup> Graduando em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Bolsista de Iniciação Científica Balcão/CNPq.

<sup>3</sup> Professor Adjunto do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Doutor em História pela Universidade Estadual de Campinas. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq.

<sup>4</sup> SCOTT, Joan. História das Mulheres. In: BURKE, Peter (Org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992. p.64.

<sup>5</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Nordestino: uma invenção do falo**. Maceió: Catavento, 2003. p.21.

poderes através de suas práticas e representações, pensar que História é a construção do passado através dos questionamentos do presente: eis alguns dos princípios que revolucionaram o pensamento histórico. Um dos seus maiores idealizadores foi Michel Foucault, filósofo francês de grande influência nesta época, chegando a ser chamado por Paul Veyne como aquele que revolucionou a História.

No Brasil sua influência foi sentida principalmente após a publicação de *Vigiar e Punir*, em 1976, que recebeu grande atenção e levou novos questionamentos aos cursos de pós-graduação que estavam em formação nas universidades brasileiras àquele momento. Em seu artigo *O efeito-Foucault na historiografia brasileira*<sup>6</sup>, Margareth Rago nos mostra que, a partir dos anos 80 e, principalmente, nos anos 90, obras historiográficas, que seguiam os pressupostos foucaultianos, foram publicadas, a exemplo de seu próprio livro *Os prazeres da Noite* e de *A invenção do Nordeste e outras Artes*, de Durval Muniz de Albuquerque Júnior.

No entanto, no Brasil, os estudos acerca de gênero, principalmente utilizando os questionamentos formulados por Michel Foucault, ainda estão em desenvolvimento. Em uma pesquisa bibliográfica, percebemos que existem poucos os estudos sobre gênero no Nordeste, recorte espacial escolhido para esta pesquisa, uma vez que analisarei um erudito desta região. O mais expressivo é o livro *Nordestino: uma invenção do falo*, que analisa o surgimento do estereótipo do macho nordestino, explicando este ser uma construção histórica que nos remete ao início do século XX. Este estudo será uma das referências para esta monografia.

Neste trabalho analisaremos, através das idéias de Foucault, os discursos de masculinidade e feminilidade na obra de Luís da Câmara Cascudo. Erudito norte-rio-grandense, folclorista e um dos criadores do recorte espacial nordeste e do estereótipo do nordestino, como nos conta Durval Muniz de Albuquerque Júnior<sup>7</sup>, Câmara Cascudo, em seus livros, estabelece um discurso de gênero que nos interessou, pois cria duas identidades de gênero a que chamei de *espinhos* e *rosas*. Homens e mulheres são vistos como seres distintos, heterogêneos, principalmente em atitudes e princípios.

O objetivo deste trabalho é, portanto, analisar como foi construído os discursos de masculinidade e feminilidade na obra de Luís da Câmara Cascudo e de que maneira estes aspectos estão representados em suas publicações dos anos 1920 e 1930.

Para tal, iremos utilizar fontes impressas, como seus textos presentes nos periódicos da cidade do Natal, notadamente o jornal *A República*, no qual ele escrevia, quase diariamente, a coluna *Acta Diurna*. Nestes artigos geralmente encontramos perfis de homens e mulheres que, para Câmara Cascudo, fizeram parte da história do Rio Grande do Norte. Lá,

---

<sup>6</sup> RAGO, Margareth. *O efeito-Foucault na historiografia brasileira*. In: Tempo Social, Rev. Sociol. USP, São Paulo, 1995.

<sup>7</sup> Ver ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez, 2002. E ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *Nordestino: uma invenção do falo*. Maceió: Catavento, 2003.

descrições físicas e psicológicas são constantes, construções que podem ajudar a realizar as análises do nosso trabalho. Além dos jornais, investigaremos livros de sua autoria, publicados entre 1920 e 1939, contabilizando quinze dos seus livros.

Obviamente, nossas fontes serão analisadas de acordo com a proposição de Jacques Le Goff em *História e Memória*: os documentos serão encarados como monumentos, pois não existe documento inócuo, objetivo e primário, já que todos são produtos das sociedades e dos homens que os fabricaram<sup>8</sup>. Pensamos, portanto, que os documentos são construídos e, por isso, devem ser analisados com o maior cuidado possível. Para tal, utilizaremos, seguindo os passos de Michel Foucault, a análise de discurso.

Sabemos que o documento é um dentre uma série de discursos a respeito de determinado fato. Foucault, ao compreender os pensamentos intrínsecos a um texto, procura a “presença de certas imagens [...] a recorrência de determinadas palavras, a maneira de organizar uma narrativa, as referências intertextuais”<sup>9</sup>, no intuito de mapear as construções discursivas de um determinado autor.

Assim, a partir da experiência de Foucault, procuraremos entender o contexto-histórico social que envolve o texto e que o traz sentido, investigando as motivações que levaram o autor a produzir determinado conhecimento. Além disso, através do mapeamento das regularidades discursivas dos textos de Câmara Cascudo, poderemos visualizar seus pensamentos acerca dos papéis de gênero.

Iremos, também, procurar identificar os autores com os quais Cascudo dialoga, pois a partir disso, poderemos compreender seus pensamentos acerca da história, conduzindo-nos ao entendimento de sua formação subjetiva e intelectual. Outro fator importante é analisar para quem o autor estava escrevendo, pois assim temos condições de construir uma interpretação mais segura acerca de suas visões sobre os homens e as mulheres.

Assim, a análise de discurso será a metodologia central para a construção deste trabalho. Seguiremos, em níveis teóricos, portanto, os pensamentos do filósofo e historiador francês Michel Foucault.

Queremos, portanto, neste trabalho, explicar como se construiu este discurso de gênero e como ele foi assimilado e transformado; como se formou a idéia de masculinidade e de feminilidade no erudito Câmara Cascudo e como foram importantes para a formação do estereótipo masculino e feminino do Nordeste.

---

<sup>8</sup> LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 5.ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003. p.535-537.

<sup>9</sup> BARROS, José D'Assunção. *O campo da história: especialidades e abordagens*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2004. p.135.

## 2. HOMENS E MULHERES: SUJEITOS DEFINIDOS

Luís da Câmara Cascudo foi um erudito bastante importante na cidade do Natal. Estudioso da história dessa capital, ele, desde o início de sua carreira intelectual preocupou-se em garantir seu lugar de memória neste município. No entanto, conseguiu mais do que isso, construiu uma memória acerca de si que o tornou sinônimo da cidade em que morou, o “único” patrimônio cultural da cidade.

Nosso estudo procura interrogar um aspecto do pensamento deste erudito: Como foi formada a idéia de masculinidade e de feminilidade em Câmara Cascudo e como estes papéis de gênero foram representados em suas obras? Nosso problema histórico, portanto, é o discurso sobre a masculinidade e a feminilidade na obra de Luís da Câmara Cascudo, durante as décadas de 1920 e 1930.

Escolhemos tal recorte temporal por ser este um momento de intensas transformações no mundo, inclusive no Brasil, em todos os sentidos. Aliás, aconteceram desde o início do período republicano, quando o Brasil havia adentrado à Modernidade. Naquele momento, as modificações foram bastante comuns, como a inserção dos negros – recém-libertados pela lei de 1888 – à sociedade, o desenvolvimento dos centros urbanos e, em consequência disto, a formação e fortalecimento de novas classes sociais, tais como a burguesia e o operariado, que fizeram frente à sociedade ruralista e patriarcal que existia à época. Além disso, o próprio processo de modernização trouxe para as cidades novas tecnologias que modificavam as tradições, a exemplo do cinema, que podia exibir imagens e costumes de outros países, gerando uma “perigosa” circularidade cultural. Esse processo de modificações na sociedade é descrito como a “feminização da sociedade”, com o aumento dos ideais burgueses em detrimento à moribunda sociedade patriarcal<sup>10</sup>.

A década de 1920 representou um grande avanço, pois se vivia o pós-guerra. Durante o conflito, as mulheres, principalmente na Europa e nos Estados Unidos, haviam saído de casa para trabalhar no esforço de guerra e sustentar suas famílias, órfãs do patriarca, que estava lutando na guerra. Com o término do conflito, as mulheres passaram a lutar pelos postos conquistados ao longo do conflito, não aceitando, com frequência, voltar para casa e ser submissa ao “seu homem”. Estes fatos levaram à formação de mulheres que comandavam famílias e participavam da sociedade, algo raro no século anterior, o XIX.

No Brasil, a década de vinte também trouxe suas primeiras alterações para o modo de vida da população. O modernismo chegou ao Brasil e, com ele, várias transformações ocorreram no campo cultural, com a participação efetiva das mulheres neste movimento – tais como Tarsila do Amaral e Anita Malfatti. Além disso, o movimento operário também cresceu e, em

---

<sup>10</sup> Ver ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. A feminização da sociedade. In: \_\_\_\_\_. **Nordestino: uma invenção do falo**. Maceió: Catavento, 2003. p.31-148.

vários momentos, as mulheres foram decisivas na formação de manifestações e críticas contra os industriais, à procura de melhores condições de vida e trabalho. As mulheres, portanto, passaram a ter uma vida social mais ativa, trabalhando, estudando e deixando de ser pessoas que necessitavam dos cuidados de seus homens, sejam pais ou maridos. Foi neste período que a primeira forma de feminismo surgiu no Brasil, tendo por base a luta das mulheres em conseguir melhores condições de trabalho e de educação, contestando uma sociedade extremamente masculinizada a qual impossibilitava que tais aspectos fossem visados pelas mulheres.

Estas transformações também chegaram à Natal, cidade onde Câmara Cascudo viveu e conviveu com tais alterações. A Modernidade, ao chegar em Natal, ocasionava agitações e conflitos, pois era uma cidade que, apesar de estar se modernizando, convivia ainda com os aspectos patriarcais e ruralistas de uma sociedade tradicional do norte do país àquela época.

Câmara Cascudo, muito provavelmente, sofreu com estas alterações. Homem de sólida formação católica, foi criado à sombra de uma estrutura paternalista e rural, mas ao mesmo tempo conviveu intensamente com o desenvolvimento burguês de sua cidade – pois seu pai era o comerciante mais rico de Natal. A subjetividade de Cascudo ainda estava ligada aos pressupostos de uma sociedade em vias de morrer, uma sociedade que estava em transição do rural e patriarcal para o urbano e burguês.

Os anos 1920, portanto, apresentavam uma conjuntura de transformações no país e na cidade em que Cascudo morava. Estas transformações ocasionaram um processo de valorização da cultura sertaneja, que era um reflexo da existência de outros fatores que eram opostos a esta cultura. E estes fatores eram opostos não apenas à cultura sertaneja, mas à própria estrutura social enraizada e com base no poder das oligarquias locais, guardiãs do tradicionalismo e do conservadorismo<sup>11</sup>. Luís da Câmara Cascudo era um dos nomes que se punha como guardião da “cultura local” frente ao fim eminente que a Modernidade trazia para ela.

A década de 1930, além de continuar as transformações nas condições das mulheres, foi um período de intensas transformações políticas na sociedade. A ascensão de Getúlio Vargas ao poder e a retirada das oligarquias dominantes dos governos estaduais acabou o apoio político que vários intelectuais tinham em seus locais de origem<sup>12</sup>. Câmara Cascudo sentiu, neste período, duas perdas: além de perder, momentaneamente, o apoio político, ele perdeu o seu pai, homem que o havia sustentado e garantido sua vida e estudos até aquele momento. Pouco tempo depois, filiou-se ao Integralismo, de ideologia política conservadora e católica, que pode ser explicado, nas palavras de Sérgio Miceli, porque ele era um dos

<sup>11</sup> ARAÚJO, Humberto Hermenegildo. **Modernismo**: anos 20 no Rio Grande do Norte. Natal: UFRN, 1995. p. 25-26.

<sup>12</sup> MICELI, Sérgio. Os intelectuais reacionários. In: \_\_\_\_\_. **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p.131-140.

“bacharéis ‘livres’ e letrados que estavam desnorteados, carentes de apoio político e sem perspectiva de enquadramento profissional e ideológico”<sup>13</sup>.

Os anos 30, para Câmara Cascudo, trouxeram à tona ideologias conservadoras que influenciaram sua obra e, conseqüentemente, seus discursos acerca de gênero. Assim como nos anos 20, ele vivenciou transformações na sociedade patriarcal que modificaram o âmago das relações de gênero, como o fim da figura do patriarca e o início da ascensão feminina. Portanto, estes anos de tão intensas transformações são importantes para compreendermos seus discursos acerca da feminilidade e da masculinidade.

Câmara Cascudo viveu todas estas transformações sociais e políticas ocorridas nas décadas de 1920 e 1930 na cidade do Natal. Embora tenha, durante os anos 20, convivido bastante com o Recife, foi em Natal que ele foi criado e viveu, e, portanto, acompanhou mais de perto todas estas modificações. Em nosso estudo, para compreender como foi construído seu discurso acerca de gênero, é necessário perceber também as mudanças ocorridas na cidade. Portanto, nosso espaço se limita à Natal.

### **3. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Câmara Cascudo viveu em um período de grandes transformações não só em Natal, mas em todo o Brasil. A Modernidade, quando chegou ao país, trouxe consigo ventos de mudança e gerou, inclusive entre as mulheres, novos sentidos de vida. Minha primeira hipótese traz à tona a idéia de que Cascudo, por vivenciar estas modificações, escreveu seus textos como respostas às tais modificações na estrutura patriarcalista, da qual ele fizera parte. Por isso, seus artigos sobre homens e mulheres demonstravam grande apreço à antiga estrutura aristocrática do norte brasileiro, aspecto que tal erudito não queria ver destruído. Portanto, em primeiro lugar, imaginamos que Cascudo luta contra a “corrosão” dos sentidos tradicionais dos papéis de gênero.

Para corroborar este pensamento, imaginamos que a subjetividade do autor foi refletida em seu pensamento sobre os papéis de gênero. Nossa hipótese está relacionada a um princípio: a formação de Cascudo – conservadora e católica – levou-o a ter pensamentos igualmente tradicionais acerca dos homens e das mulheres, geralmente ligados à “ordem natural” estabelecida pelos pensamentos masculinos da época, no qual o homem submetia a mulher a seus caprichos. Cascudo, assim, por ter sido criado sob forte presença de um pai poderoso, tinha conclusões patriarcais sobre os papéis de gênero.

---

<sup>13</sup> Id, Ibid, p.135.